

A SÁTIRA SOCIAL DE LIMA BARRETO

CALDAS, Daniela Oliveira Cardoso.

danic.caldas@hotmail.com

FEITOSA, Kleydiane de Graça.

keydianefeitasa@ig.com.br

SOUSA, Roseli de Oliveira.

sousa.roseli@bol.com.br

NUNES, Antônia Maria. (Orientadora)

Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela UFRN,
Mestre em Comunicação Semiótica pela PUC de São Paulo e Prof.^a do Curso de
Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

nianunes@yahoo.com.br

RESUMO:

O artigo proposto tem como objetivo a discussão de como Lima Barreto, importante escritor pré-modernista da Literatura Brasileira, faz da literatura seu instrumento de ação social através do seu estilo inovador, utilizando-se da sátira para criticar os valores políticos e sociais do seu tempo. Para tanto, analisa-se três das suas principais obras: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do escrívão Isaías Caminha* e *Os Bruzundangas*, as quais primam pela utilização de recursos cômicos, permitindo o estudo da crítica político-social feita através da sátira, embasado em conteúdos históricos e leitura de textos teóricos sobre a sátira, a sociedade brasileira e a história da República do Brasil no período em que estas obras foram produzidas, com o objetivo de estabelecer a função dessa crítica na produção da literatura desse escritor. O estudo de tais textos permitiu o conhecimento sobre a relevância da

sátira social de Lima Barreto como elemento modificador em sua literatura militante e como instrumento eficaz para a análise da sociedade da época.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Sociedade, Sátira.

INTRODUÇÃO

No início do século XX e período do advento da República do Brasil, alguns escritores revelam o interesse em analisar a realidade brasileira de sua época, denunciando os desequilíbrios, causados especificamente, pelas várias transformações na vida política, social e cultural do país. Propunham além da denúncia dessa realidade, abordar assuntos do dia-a-dia dos seus patricios em obras de caráter social através de uma linguagem mais simples e coloquial. Para isso tiveram de ignorar muitas vezes as normas gramaticais e de estilo, provocando a ira dos acadêmicos conservadores e dos literatos renomados do momento que, ao contrário, achavam que o objetivo maior de uma obra não era tratar dos problemas sociais, mas que se deveria fazer uma literatura com linguagem objetiva, elaborada, de perfeição formal em suas construções, abordando temas universais.

Apresenta-se, a partir daí, uma produção literária inovadora de autores que não sendo considerados ainda modernistas, já promovem rupturas com o passado e suas idéias sobre o fazer literário. A este período de transição entre o que era passado e o que seria chamado de moderno na literatura, convencionou-se chamar de Pré-Modernismo, cujas obras inovadoras expressam rompimento com o passado conservador, através da denúncia da realidade brasileira debruçando-se sobre os problemas sociais e morais do país, e a apresentação de tipos humanos marginalizados no meio urbano ou através de um regionalismo sem idealizações.

Porém, apesar dos escritores desse momento proporem uma nova interpretação da realidade, de acordo com estudos da literatura brasileira, não formavam um grupo de autores afinados em torno de um mesmo ideário, seguindo determinadas características, pois apresentavam individualidades marcantes com estilos diferentes de escrever e abordagens diferenciadas da realidade.

Alguns deles ainda produziam uma literatura com algumas influências dos literatos “oficiais”, ou seja, a utilização de um estilo retórico-discursivo barroco e pomposo, ou a utilização do soneto como modelo para a criação de poemas, no entanto muitos apresentaram uma literatura com propostas realmente inovadoras, em que procuravam interpretar a realidade brasileira, revelando as tensões e os problemas sóciopolíticos da época, com o intuito de fazer da produção literária um instrumento de análise da sociedade e de suas práticas políticas e sociais.

Na efetivação da Primeira República, a idéia de que o escritor deveria participar da vida pública do seu país concretizava-se significativamente. Afonso Henriques de Lima Barreto, autor de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Os Bruzundangas*, entre outras obras, era um desses escritores. Ele também achava que o escritor deveria ter como objetivo “fazer de seu instrumento artístico um instrumento de difusão das grandes idéias do tempo”, ou seja a arte, especialmente a literatura tem o poder de transmitir sentimentos e idéias e por isso deve ter a missão de auxiliar os homens em suas relações e conquistas, reforçando desse modo a solidariedade humana; contrariando os seus contemporâneos, que estavam preocupados apenas em agradar a elite da sociedade com seus sonetos bem rimados obtendo assim prestígio social por meio da literatura.

Com efeito, Lima Barreto procurou produzir uma literatura voltada para as questões sociais do seu tempo, revelando o preconceito racial, a discriminação do negro e do mulato, e acontecimentos políticos, pela significação da língua escrita, buscando usar uma linguagem mais coloquial, acessível e, às vezes, até propositalmente desleixada para mostrar o quanto desprezava o artificialismo e a retórica parnasiana.

Criticando a mentalidade atrasada e subserviente de seus contemporâneos, Lima Barreto satirizou em suas obras, principalmente nas acima citadas, as mazelas do governo

republicano e o hábito brasileiro de buscar a distinção a todo custo, ou seja, a sátira utilizada por ele é um recurso ou gênero literário que ridiculariza um determinado tema, e é praticada desde a Antigüidade para criticar pessoas e costumes pela deformação caricatural, com o objetivo de provocar uma mudança política, social e moral.

Através de um dos seus personagens mais conhecidos, o major Policarpo de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto coloca a questão do nacionalismo pátrio ingênuo, satirizando o sistema governamental vigente. Em *Os Bruzundangas*, o autor expõe uma sociedade em que tudo é valorizado pela aparência, com uma crítica feroz à República. E em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, o autor critica a hipocrisia de uma sociedade preconceituosa e conservadora, a mediocridade e a falsa concepção de imprensa e literatura.

Esta atitude adotada por Lima Barreto em trazer a sua realidade para suas produções literárias é compreendida pelo crítico literário contemporâneo Antonio Candido para quem “a literatura transfigura o real através da sua transposição para o ilusório por meio de uma estilização formal” (200, p.53), e Lima atingiu essa transposição quando retrata através da criação de seus personagens sua indignação com as estruturas discriminatórias e hipócritas do pensamento da sociedade brasileira, as quais conhecia muito bem.

O estudo das obras de Lima Barreto, por tratarem de assuntos relacionados à história, sociedade e cultura do Brasil, além de possibilitar uma análise dos dilemas da literatura engajada no início do século XX, permite traçar um paralelo político-social com a atualidade, visto que a sociedade brasileira dos nossos dias não apresenta muita diferença da vivida por ele, pois ainda não superou aqueles mesmos problemas. Para tal o diálogo com a sociologia da literatura é indispensável, pois como todo tipo de arte, a literatura está vinculada à sociedade em que se origina e aos seus fatos históricos. Não há artista “indiferente” à realidade, isto é, todos de alguma forma participam dos problemas vividos pela sociedade, apesar das diferenças de interesses e de classe social. E mesmo que não seja intencionalmente, uma

produção literária acaba refletindo os ideais e comportamentos de uma época. De acordo com Antonio Candido (2000 p.74), a obra literária “é um objeto vivo, resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade”. E, assim como ela está vinculada a certa realidade, podendo interferir nessa mesma realidade, auxiliando no processo de transformação social.

Propõe-se com isso, neste trabalho, analisar as obras acima citadas observando as relações com o contexto social da época, a partir do fundamento de que a literatura, enquanto representação do real, acaba por refletir a problemática social e social. E, considerando dentre as seis modalidades de análise sociológicas descritas por Candido (ibidem, p. 09), a modalidade que “estuda a posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da organização da sociedade”, ou seja, propor a discussão de como Lima Barreto, importante autor da literatura brasileira, utiliza-se da sátira como forma de protesto contra a estrutura social e política de sua época, sarcasticamente retratados por sua mania de ostentação, pelo vazio intelectual e pela ganância.

A SOCIEDADE BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

O Brasil no início do século XX era governado por civis ligados à oligarquia rural dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, período este conhecido como República do Café-com-leite, pois era constituído pela “nobreza fundiária” formada por cafeicultores de São Paulo e pecuaristas de Minas Gerais.

Estes fazendeiros detinham grande poder, pois com o fim do voto censitário, instituiu-se o voto para os brasileiros maiores de vinte e um anos, que não fossem analfabetos, padres, soldados e mulheres. Contudo, o número de eleitores não cresceu muito e era difícil exercer a democracia na escolha dos representantes do povo, por causa do sistema eleitoral,

que era baseado no voto aberto, e devido as constantes fraudes que ocorriam na apuração dos resultados.

E ainda, no meio de tantas turbulências políticas, o Brasil recebia cada vez mais imigrantes europeus, na sua maioria, pobres, em busca de oportunidade de trabalho e ascensão social, mas, quando chegavam aqui eram submetidos a duras condições de sobrevivência, cuja vida era quase equivalente a de escravos.

Condições estas, melhores do que a dos antigos escravos, que eram marginalizados pela elite da sociedade, a qual não permitia que fossem empregados em qualquer que fosse o serviço, pois não deixariam de empregar o imigrante europeu de pele clara para empregar um negro ou descendente de negro.

Era uma sociedade que tinha no seu vocabulário a palavra discriminação em nome do capitalismo, desde os seus representantes, que só pensavam em seu próprio bem estar, fato marcante em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em que o Major Quaresma se decepciona com Floriano Peixoto em sua trajetória política. Até mesmo, a própria sociedade, que não valoriza o que é do Brasil, ou seja, o próprio brasileiro, pois nesta mesma obra, a sociedade não apóia a cultura brasileira mostrada através da figura do Sr. Ricardo Coração dos Outros, espécie de trovador de modinhas.

Lima Barreto, satiriza esta condição “intrínseca” da sociedade brasileira do início do século XX, pois de acordo com Antonio Candido (2000, p.20) a arte “...produz sobre seus indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo...”. E Lima, através de sua literatura objetiva modificar esta sociedade na qual ele mesmo está inserido e, como a maior parte da população, também excluído.

Rompendo assim, com paradigmas estabelecidos pelos literatos “oficiais”, os quais só se preocupavam em agradar a elite da sociedade em busca de ascensão social que a literatura lhes pudesse proporcionar, Lima Barreto através de suas obras, faz uma crítica

apurada dessa sociedade, que valoriza as aparências e não se preocupa com os problemas sociais então vigentes.

A MILÍCIA DE LIMA BARRETO

Lima Barreto defendendo o seu ideário de “literatura militante” escreveu sobre o seu tempo e o seu povo, mostrando que um escritor não deve desconsiderar que é parte integrante da sociedade em que vive. Por isso é preciso compreender não só o contexto literário brasileiro como também a posição que o escritor Lima Barreto ocupa no cenário das letras no início do século XX no Brasil, como observa Antonio Candido:

[...] “o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”. (CANDIDO, 2000, p.74)

Com essa concepção, importa conhecer não só o grupo profissional a que se liga Lima Barreto, ou seja, os escritores que com ele compõem o quadro literário nacional, como compreender também sua posição social e em que medida ele promove o diálogo entre criador e público, e quais os recursos que se utiliza para representar sua atividade, justificando-a socialmente.

O período de 1900 a 1922 na literatura brasileira, denominado de Pré- modernismo, deve ser estudado, segundo Alfredo Bosi (1976, p.11), em dois sentidos até mesmo contrastantes. No primeiro, o prefixo *pré* assume conotação de mera anterioridade temporal e o período literário assim designado se caracteriza como extremamente conservador, aglutinando escritores neoparnasianos tradicionalistas que, sob o critério estético, podem ser considerados antimodernistas. Nesse sentido, o pré-modernismo acaba sendo o

prosseguimento das tendências realistas, naturalistas e parnasianas. No segundo, o prefixo conota forte sentido de precedência temática e formal em relação aos valores da literatura modernista, notadamente do período de 30, devendo ser visto como movimento renovador, oposto ao conservadorismo entranhado no sentido citado anteriormente, uma vez que os escritores representativos desse modo de entender o período passam a se interessar pela realidade brasileira, propondo uma revisão crítica dos valores nacionais. Com visão de Alfredo Bosi, é possível estabelecer uma significativa distinção entre os escritores que compõem o campo intelectual do início do século.

Para Antonio Candido (2000, p.112 e 113), a literatura brasileira de 1900 a 1922, configura-se como “literatura de permanência”, na medida em que se mostra acomodada no seu modo de conservação dos traços da literatura harmoniosa e acadêmica. Segundo o crítico, essa produção ainda é fascinada pelo encantamento formal, pela euforia verbal em busca da perfeição. Mas há ainda segundo Candido, discordâncias significativas de semelhante ponto de vista literário e elas podem ser observadas em alguns escritores desse período, dentre os quais cita Lima Barreto, que defendia as propostas inovadoras que permitiam uma nova interpretação da realidade brasileira.

Como se vê, a posição de Lima Barreto no grupo intelectual de seu tempo, quer na visão de Bosi, quer na de Candido, marca-se sempre pela diferença em relação ao pensamento acadêmico oficial, seja no âmbito da produção literária, seja na questão do julgamento crítico ou mesmo no que se refere às suas preocupações políticas e sociais. Lima enfrentou muitas dificuldades ao produzir uma literatura desvinculada dos padrões e do gosto vigente, contra a estética dominante, principalmente pela questão do seu estilo. Escreveu com simplicidade, querendo aproximar o texto escrito da linguagem coloquial. Foi o mais radical dos renovadores colocando-se contra essa literatura acadêmica. Não concordava com as obras consideradas por ele como porta-vozes do ideário dominante, as quais distribuindo sorrisos e

amenidades, mascaravam uma sociedade injusta. Por isso denunciava a realidade triste dos subúrbios cariocas e sua gente humilde, criticando veemente o drama vivido na sociedade republicana das primeiras décadas do século XX .

Para exercer esta sua “militância”, Lima Barreto combateu aquela literatura e seus autores, como também as mazelas da sociedade, através do humor, da ironia, da sátira, da caricatura sarcástica. Dentre estes recursos utilizados por ele o que mais é visível em quase tudo que escreveu é a sátira, cuja definição, (Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 2006), é a “composição literária que visa a ridicularizar ou censurar com humor atitudes consideradas viciosas”. Na origem, foi um gênero literário fixo, determinado pela estrutura em versos. Estabeleceu-se desse modo na literatura latina, com ampla repercussão nos classicismos que vigoraram na Europa entre o Renascimento e o século XVIII. A partir do romantismo, a sátira desvinculou-se para sempre da tradição romana que lhe atribuía forma específica. Desde então, obras diversas do ponto de vista formal podem ser satíricas.

Muitos estudiosos literários não conceituam a sátira de acordo com a concepção clássica que a classifica como um gênero, mas segundo a concepção moderna, que leva em consideração outras modalidades de texto e seus recursos, porque a sátira tanto pode existir na prosa como no verso, na crônica ou no romance. E uma das tendências da literatura contemporânea é misturar os gêneros e relativizá-los. Ângela Maria Dias faz uma abordagem explicativa sobre as classificações deste recurso:

[...] “a própria Teoria Literária tem, sucessivamente, considerado sátira, ora com forma, ora como espírito, ora como finalidade, ora ainda como tom.

Atribui-se tal inconstância ao fato de que, como poucas, a forma satírica possui uma impressionante permeabilidade à força originária que a alimenta. De fato, como modalidade de expressão haurida na percepção cômica, a sátira reveste-se de uma pluralidade de nuances e características só explicada pela vitalidade do impulso que manifesta”. (Ângela Maria Dias, 1981, p.37)

Portanto, a sátira comporta matizes diversos e age pela deformação caricatural daquilo que se pretende atacar ou desmoralizar, e não é necessariamente destrutiva. Contém, com frequência, uma intenção reformadora, porque o conceito de sátira está ligado ao sentimento de indignação e à vontade de moralizar os costumes. Como elemento motivador da sátira, distingue-se o senso do ridículo, que é a percepção do lado cômico de personagens, situações e idéias. Nesse sentido, a sátira passou a ser sobretudo uma atitude de combate assumida por escritores.

O primeiro maior exemplo de um satírico em nossa literatura foi Gregório de Mattos que não poupou em suas obras, críticas a todas as classes da sociedade baiana de seu tempo. E em Lima Barreto tem-se a mesma intenção do uso deste recurso literário. Suas obras o revelam um mestre da sátira na literatura, recurso que se adapta perfeitamente ao seu projeto literário fundamentado na denúncia dos problemas brasileiros e na compreensão da busca de transformação através da Literatura como ele mesmo afirma.

“... A Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos...”

(Lima Barreto: seleção de textos por Arnoni Prado, 1980, p. 70)

Através da sátira Lima faz da Literatura um instrumento de exposição dos valores sociais vigentes em sua época como em *Recordações de escrивão Isaías Caminha* publicada em 1909, cujo enredo gira em torno das lembranças do seu personagem principal, Isaías Caminha, desde a época dos seus estudos em Caxambi no Espírito Santo até sua volta como escrивão da Coletoria. Com esta obra Lima Barreto critica uma sociedade preconceituosa, a mediocridade e a falsa concepção de imprensa e literatura.

No início do enredo já se percebe na sociedade brasileira, das primeiras décadas do século XX, o preconceito de raça, do qual sofre o personagem Isaías, que usa a palavra

azeitonada para definir sua cor (1994, p.29). Ele mesmo, utiliza-se de uma descrição exaustiva para classificar de maneira positiva as qualidades físicas que possui, e neste exagero em elevar tais qualidades, chama a atenção da sociedade em relação ao preconceito, dizendo indiretamente que as pessoas com uma pele azeitonada possuem ótimas qualidades e não há motivos para desprezá-las, simplesmente levando em conta a cor da pele.

Adiante Lima, retoma essa questão do preconceito racial, quando Isaías relata que o Dr. Castro não o atendeu na sua solicitação por um emprego, e resolve se empregar em qualquer que fosse a área, comprou um jornal e viu os anúncios de “precisa-se”, mas ao chegar ao local, o proprietário da padaria disse que ele não servia para o serviço (1994 p.70). É quando o personagem protagonista faz uma reflexão a respeito de sua situação, ou seja, era preciso trabalhar para sobreviver, porém o trabalho lhe era recusado sem motivos aparentes. Entretanto o preconceito de cor é visto com maior nitidez quando o personagem principal é intimado a depor em uma delegacia, e ao esperar para saber o motivo de estar ali, o Capitão Viveiros pergunta por ele dizendo se já havia aparecido o tal “mulatinho” (1994 p.59).

Lima Barreto através dessas descrições preconceituosas retrata a sociedade em que ele está inserido, e através dessa ridicularização, ele objetiva chamar a atenção para o problema, pois de acordo com Antonio Candido (2000, p.3) “Nada mais importante para chamar atenção sobre uma verdade do que exagerá-la”, isto é, como a sociedade não “percebe” ou até mesmo fecha os olhos para tal realidade, o exagero é uma forma de mostrar a essa sociedade que o preconceito existe e deve ser percebido.

Contudo, não só há na obra preconceito racial como também o preconceito de classe, pois o personagem principal também sentiu na pele o que era sair de um hotel de luxo para ficar em uma pensão no subúrbio carioca, passar fome, e o seu primeiro conhecido no Rio de Janeiro, Laje da Silva, o trata friamente e com ar de superioridade quando o vê nesta situação (p. 113).

De acordo com a literatura desse momento, Lima Barreto não poderia deixar de fazer sua crítica aos literatos “oficiais”, ridicularizando-os através de personagens como Veiga Filho, o qual é denominado como “o grande romancista de luxuoso vocabulário” (p. 96), isto é, ridiculariza os literatos ditos “oficiais” por se preocuparem apenas em uma linguagem muito bem elaborada, e na ascensão social através da literatura.

E ainda, por meio deste mesmo personagem, Isaías aproveita o momento para mostrar os bastidores da imprensa, considerada o quarto poder da sociedade, relatando como o romancista, que admirava desde os quatorze anos, recebia seus elogios do jornal O Globo, ou seja, ele mesmo tecia seus elogios para serem publicados e o fazia de maneira que ninguém poderia imaginar ao ler o jornal que tinha sido ele mesmo que teria feito (p. 97).

Assim, Lima Barreto fez uma imagem da imprensa que era manipulada segundo interesses políticos e servia para propagar nomes de escritores cujas obras não tinham conteúdo significativo, mas por terem amizades ou conhecimento com pessoas influentes da sociedade eram elogiados, enquanto muitos bons escritores, por não compactuarem com interesses da elite eram tratados com indiferença e suas obras menosprezadas. É uma imprensa que não está muito longe da atual, pois ainda hoje, a imprensa continua pertencendo ao jogo das forças sociais atuando como veículo ideológico e estabilizador político a serviço de quem as controla. A notícia se transforma em mercadoria, atuando de forma a ocultar as contradições sociais e o questionamento, contribuindo com a acomodação e a passividade dos menos esclarecidos e manipular a sociedade conforme os interesses implementados principalmente pelas elites nacionais.

Na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicada em folhetins em 1911, Lima Barreto usa sua sátira de denúncia social através do personagem major Policarpo Quaresma com uma retórica progressista e nacionalista. O romance ocorre do período em que o Brasil torna-se República no final do século XIX, e Lima Barreto traz para sua obra algumas

vertentes da época como o positivismo, visto que o personagem defende um nacionalismo econômico reivindicando medidas protecionistas para economia brasileira e consumindo apenas produtos nacionais além de visualizar a agricultura como meio de crescimento econômico da pátria. Enfatiza também no discurso de seu personagem uma acusação aos nossos “conquistadores” e nosso acultramento em que o major tenta modificar a língua nacional para o tupi-guarani, enfim satiriza a política dos interesses e os desmandos da época utilizando-se de comicidade sarcástica.

Segundo Bérqson em, “O Riso”, (Apud. Soares, 2003, p.62), o cômico é obtido através da repetição, inversão do exagero e das formas estereotipadas. Lima Barreto utilizou a crítica de forma cômica, através do seu personagem Policarpo Quaresma, que é apresentado com um certo excesso comportamental uma verdadeira compulsão pelo nacional comprando produtos nacionais e exigindo o protecionismo da economia.

“Mas é um erro... não protegem as indústrias nacionais... comigo não há disso: de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano nacional, calço botas nacionais e assim por diante”. (Triste Fim de Policarpo Quaresma, 2004, p. 21).

Policarpo se dedicara aos estudos da flora, fauna e minérios brasileiros desde os vinte anos de idade e a partir daí desenvolveu o seu ufanismo pela pátria, dedicando-se apenas a alcançar suas metas patrióticas. O seu comportamento traz o elemento irônico da narrativa devido a grande repetição das mesmas atividades, sempre nos mesmos horários servindo muitas vezes de relógio para a vizinhança. Juntamente com sua loucura de tentar a purificação da cultura original brasileira, como o desejo de decretar a língua tupi como a oficial, que foi proibida no século XVIII pelo Marquês de Pombal e ainda o ato de receber suas visitas chorando como goitacá, todas essas tentativas tinha no fundo interesse de tornar o Brasil independente culturalmente e também se deve a seu fascínio pela cultura indígena.

A concepção desse herói representa uma crítica do autor aos falsos heróis com sua política interesseira, lutavam junto ao exército em busca de posições de liderança, enquanto os heróis que lutavam realmente pelo Brasil, eram considerados traidores da pátria, por isso heróis como Policarpo que combatia a dependência econômica, o atraso ao qual o Brasil estava condicionado, era condenado à solidão ou o triste fim da morte.

Na segunda parte do romance Policarpo tenta pôr em prática todos os seus anos de pesquisa, no sítio Curuzu, seguindo instruções ecológicas e utilizando alguns recursos como inseticida, após diversas tentativas de cultivo teve que admitir que o solo brasileiro não era tão fértil como imaginava, e que seus livros especializados indicaram no personagem um verdadeiro mito agrícola de que aqui se plantando tudo dá. Percebe ainda que mesmo com toda modernização a imensa quantidade de impostos e a política do coronelismo que protege apenas os produtos de exportação como o café, para bloquear a concorrência, impede que haja uma diversidade na agricultura nacional.

O personagem pesquisador compreende que o desenvolvimento agrícola é uma necessidade para o progresso econômico, inclusive acaba enviando um requerimento para pedir protecionismo aos produtos brasileiros, pois para este a cobrança de tantos impostos impedia o progresso e, como os agricultores não tinham auxílio financeiro nem técnico era impossível o desenvolvimento na agricultura, o que acabava com o conceito que o povo sertanejo é pobre por ser preguiçoso.

Pode-se concluir que o elemento satírico está na contradição e no exagero dos ideais de Policarpo em relação aos da sociedade. Enquanto ele pensa no coletivo, a sociedade pensava em satisfazer seus interesses pessoais, estando também nas excentricidades comportamentais do personagem em torno desse amor patriótico. Deduz-se também a presença de contradições do teórico e o empírico que torna em vão sua existência.

Em *Os Bruzundangas*, coletânea de crônicas que foi lançada em livro postumamente em 1923, Lima Barreto revela seu humor refinado em sintonia com a sua realidade, primando pela utilização de recursos cômicos e pela crônica, com que faz sua crítica político-social de forma satírica. Nesta obra ele mostra um narrador brasileiro que visitou o país dos bruzundangas, país fictício que em tudo se assemelha ao Brasil do início do século XX, satirizando a política, o ensino, a religião, a produção literária e toda a sociedade dessa época. Ao ridicularizar o academicismo literário que produziam obras para passatempo e distração das elites letradas, ociosas e alheias aos problemas do país, ele ironiza tanto os escritores que julgando-se importantes utilizavam uma linguagem pomposa, quanto os leitores que se deixavam impressionar: “Quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito.”(Os Bruzundangas, 2004, p.17)

Nesse capítulo que intitula de “Especial”, Lima, ao referir-se a Escola dos Samoieda satiriza estes literatos eruditos e oficiais, principalmente os que têm o intuito único de desfrutar do mérito de escritor e intelectual, sem realmente ter produzido nada de importante. Aliás ele usa sua sátira para criticar a preocupação dos bruzundanguenses com títulos como de “Doutor ou Bacharel” e o uso deles no processo de ascensão social, como o faz na exposição de figuras bizarras como a do economista da República Bruzundanga, Doutor Karpatoso (p. 29), que mantém pela sua aparência, com o uso de elegantes trajes e eruditismo acerca de assuntos financeiros, a fama de homem sábio. Sua falsa sabedoria em conteúdos administrativos é admirada pela elite bruzundanguense, que se atém exclusivamente na valorização de coisas fúteis em detrimento das necessidades de outrem.

Através do relato de seu personagem-narrador sobre a política da Bruzundanga, Lima Barreto satiriza a incapacidade dos políticos em dirigir o país, inclusive a do seu Presidente ironicamente denominado de “Mandachuva” (p. 58), o qual, não possui nenhuma habilidade administrativa, um cidadão inculto e “mediocre”, escolhido e eleito pela nobreza de Bruzundanga

a fim de representar seus interesses; e este por sua vez, em troca de auxílios financeiros procura seguir os conselhos e cumprir o seu mandato de acordo com as conveniências de seus correligionários. Num depoimento de um eleitor de Bruzundanga, por nome Halaké Ben thoreca (p. 74), o narrador descreve como eram as eleições nesse país, o voto era aberto e manipulado pelos grandes dessa sociedade que fraudulavam as apurações conforme seus intentos.

Lima Barreto faz uma sátira ao sistema político e econômico vigente na Primeira República, mostrando ironicamente, a utilização do poder público no Brasil para o favorecimento de interesses econômicos de grupos privados. E é o próprio narrador que afirma ser as eleições bruzundanguenses, idênticas às brasileiras no início da República.

Na Bruzundanga, como no Brasil, todos os representantes do povo, desde o vereador até o Presidente da República, eram eleitos por sufrágio universal, e lá, como aqui, de há muito que os políticos práticos tinham conseguido quase totalmente eliminar do aparelho eleitoral este elemento perturbador – “o voto”. (ibidem, p. 75)

Lima Barreto com sua crítica faz alusão às famosas eleições do início da República em que o eleitor declarava sua escolha à mesa eleitoral, pois o voto não era secreto. As eleições eram controladas por chefes políticos locais e frequentemente eram fraudadas até chegar o absurdo de na apuração ter fotos de defuntos, falsificação de assinaturas e atas rasuradas. Lima usa sua audácia para satirizar os políticos da Primeira República que governaram o país de acordo com os interesses dos grupos econômicos que representavam.

Sobre a religião de Bruzundanga, Lima Barreto é extremamente sarcástico pois utiliza um sucinto capítulo justificado pelo narrador com a declaração de não ter muito que falar sobre tal “relevante assunto”, (p. 88). Sua ironia mostra como a sociedade daquela época se atinha aos valores materiais, e a religião servia apenas como conivente de seus interesses financeiros e disfarce dos seus comportamentos hipócritas. As pessoas dessa sociedade se mantêm de aparências e vivem a imitar os modismos e cacoetes do estrangeiro, como se fosse a última moda em modernidade. A ridicularização da política baseada no privilégio, no favor,

no nepotismo, as desgraças e descréditos do ensino, da medicina, do processo eleitoral, o preconceito racial e de classe através do elemento “javanês”, nada na República Bruzundanga escapa dos ataques satíricos de Lima Barreto. Ele denuncia a hipocrisia dessa sociedade escancarando sua realidade através do deboche de seus valores de ostentação e mediocridade.

A sátira é o recurso utilizado em toda a obra fazendo até uma crítica à economia monocultora, isto é, baseada na exploração de um só produto agrícola, que caracterizou a economia brasileira desde a colonização. Deve-se ressaltar, que este livro foi escrito em pleno apogeu da cultura do café no Brasil em que os ricos cafeicultores tinham privilégios nas decisões políticas do país. Lima Barreto com sua sátira abrange desde questões políticas e econômicas até aspectos mais triviais da vida brasileira dessa época. E ele faz isso de maneira inteligente e humorada ao criar um personagem narrador que relata sobre um país fictício, cuja sociedade apresenta desajustes e males semelhantes a da brasileira. Porém deve-se ressaltar que ao caricaturar sua sociedade, sua intenção não era puramente zombadora, mas moralizante, visto que servia de lição para os seus conterrâneos como ele mesmo afirma no Prefácio de sua obra:

“A “Bruzundanga” fornece matéria de sobra para livrar-nos, a nós do Brasil, de piores males, pois possui maiores e mais completos. Sua missão é, portanto, como a dos “maiores” da Arte, livrar-nos dos outros, naturalmente menores.”(ibidem, p.13)

Lima Barreto estava comprometido a usar a sua arte para a contribuição da mudança, harmonia e aprimoramento da sociedade a que pertencia. Segundo Antonio Arnoni Prado (1989 p.72) “a posição de Lima Barreto perante a arte é claramente uma posição de compromisso”. E foi assim que ele aproveitou bem a tradição da sátira em língua portuguesa. A sátira era para Lima a “aspiração de realizar o máximo de reformas possíveis dentro de cada sociedade, tendo em conta as suas condições particulares”. A sátira afia e aguça a sua palavra cortante para ferir fundo e expor publicamente de forma desprezível o seu alvo, cujo veículo de alcance crítico, põe em questão toda estrutura sócio-político da sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Diante do exposto fica evidente que o estilo de escrever de Lima Barreto muito julgado e questionado por críticos literários da época, revela sua proeza de escritor comprometido com a arte literária, que de forma consciente e original cumpre a sua função de auxiliar, por intermédio da literatura, no processo de transformação social. Mais do que tudo, o que importava para ele, era a sinceridade do escritor e a necessidade de transmiti-la diretamente, sem rodeios ou artificialismo, e por isso, por muito tempo seus escritos foram vistos com indiferença e o seu nome ausente nas letras nacionais.

Lima Barreto, ao fazer uso de uma linguagem inovadora para a comunicação militante de sua arte, foi incompreendido e desprezado por acadêmicos e literatos conservadores da sua época. Contudo o passar dos anos e os vários estudos de suas obras provaram que sua linguagem é rica de comunicação e de recursos expressivos e que seu estilo de escrever e pensar revela sua singular personalidade literária. O modo direto e a preferência pela linguagem coloquial e a irreverência com que enfrentava sem o menor receio os escritores acadêmicos, contribuíram para que se passasse a ver em seu humorismo, por vezes irônico e sarcástico a inteligência de um escritor que tinha convicção do seu papel social. Lima, através da sátira na abordagem de temas e personagens polêmicos faz uma crítica mordaz a sociedade brasileira do seu tempo, a qual demonstrava uma estrutura de valores baseados na discriminação e hipocrisia.

Para mostrar sua indignação contra esta sociedade, Lima Barreto é extremamente audacioso e expõe de forma satírica os desajustes políticos e sociais, principalmente os da Primeira República do Brasil e todos os demais segmentos sócio-culturais dessa época, mostrando que a sátira utilizada na crítica social é uma poderosa arma para abalar as convicções políticas e estéticas de uma sociedade. E assim tornou-se um dos poucos escritores brasileiros que compreenderam as transformações políticas e sociais do seu tempo e foi solidário com elas,

pois através da literatura pretendia contribuir para a mudança e melhoria do seu país. Hoje a presença de Lima na Literatura Brasileira é muito importante, porém mais do que o valor literário, passou-se a admirar a firmeza do gesto que soube desvendar as contradições da realidade, além do exemplo do escritor corajoso, que não recuou um passo na luta pelo direito à liberdade e o alcance social e humano de sua resistência, de seu inconformismo na defesa de uma literatura autenticamente nacional e a valorização da sua consciência social.

Deste modo, este trabalho cumpre o seu objetivo de fazer compreender através da análise das obras de Lima Barreto, a função social da sátira e do modo de ver particular de um escritor e a importância da literatura no processo de transformação social. Pois Lima Barreto faz da literatura não apenas uma prazer, mas uma forma de conhecimento social, especialmente referente à sociedade brasileira, porque, a partir de uma escrita como a dele, nós temos lições de história, política, literatura e lições de humanismo, comprometido com as necessidades e autenticidade do povo brasileiro. E a leitura das obras deste escritor pré-modernista brasileiro é atual visto que ainda hoje, o Brasil apresenta os mesmos problemas da sociedade em que ele viveu e retratou nos seus escritos.

A leitura deste trabalho, portanto, acompanhadas da análise das obras de Lima Barreto, constitui um auxílio útil de referência para o leitor que pretende construir a sua compreensão sobre a função social da sátira de Lima Barreto, servindo de relevante proposta para estudos dos seus abrangentes recursos de linguagem, os quais, evidenciam o seu significado social, destacando a sua singularidade no desempenho de sua função social como escritor.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 1.^a ed. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Os Bruzundangas**. 3.^a ed. São Paulo: Ática, 2004.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34.^a. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **O Pré- Modernismo**. 3.^a ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. 10.^a ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 2004.

_____. **Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 8.^a ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

DIAS, Ângela Maria. **O Resgate da dissonância: sátira e projeto literário brasileiro**. Rio de Janeiro: Antares, 1981.

LUKÁCS, George. **A Teoria do Romance**. 1.^a ed. São Paulo: 34, 2000.

PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: O crítico e a Crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Lima Barreto: seleção de textos, notas, estudos biográficos e históricos**. São Paulo: Abril, 1980.

SANT'ANNA, Afonso Romero. **Análise Estrutural do Romance**: Ática, 1990.

<[http:// www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/limabarreto.htm](http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/limabarreto.htm)>. Acesso em: 30 de agosto de 2005.

<[http:// www.folha.uol.com.br/folha/almanaque/bosi_fui_vernelho.htm](http://www.folha.uol.com.br/folha/almanaque/bosi_fui_vernelho.htm)>. Acesso em 30 de agosto de 2005.